



A Escola Austríaca Jesús Huerta De Soto Tradução de André Azevedo Alves

São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2010. (162 páginas)

ISBN: 978-85-6281-611-6

O cidadão comum costuma ter muitas dúvidas acerca do funcionamento da economia, visto ser extremamente usual observar economistas emitindo opiniões bastante diferentes, às vezes, até mesmo antagônicas, sobre determinado fato social, suas causas e consequências. A situação ganha contornos dramáticos com a utilização de jargões acadêmicos, científicos e, principalmente, matemáticos.

No entanto, um grupo específico de pensadores econômicos costumou se distinguir dos demais economistas com uma linguagem clara, popular e, mais do que tudo, coerente. Esta é a Escola Austríaca de Economia, que buscou explicar como raciocínios lógicos podem levar a ciência até o cidadão mais simples. Afinal, uma ciência fechada em si mesma, sem dialogar com a sociedade, perde-se em uma pseudoautossuficiência.

Esse objetivo pedagógico dos seguidores da Escola Austríaca de Economia é levado às últimas consequências no primoroso livro "A Escola Austríaca", do economista espanhol Jesús Huerta De Soto, doutor em Economia pela Universidad Complutense e professor do Departamento de Economia Aplicada da Universidad Rey Juan Carlos, ambas em Madrid, na Espanha, além de professor assistente sênior do Ludwig von Mises Institute, em Auburn, Alabama, nos EUA.

A finalidade do trabalho, nos termos da própria Introdução da obra, é "*explicar de uma forma sintética, mas com a necessária profundidade, o conteúdo essencial e as características dife-*

renciadoras mais importantes da Escola Austríaca de Economia" (p. 11). Já desde a Introdução o leitor antevê que a Escola Austríaca possui uma filosofia central de forte base moral, a saber: a ideia de que indivíduos soberanos e agentes econômicos livres e descentralizados estão mais aptos a empreender e gerar riquezas para a sociedade do que os que se encontram sob o jugo de uma autoridade centralizadora e autoritária.

O primeiro capítulo é o ponto alto da obra. Nele, o professor Huerta De Soto mostra, em um quadro sinótico, as diferenças conceituais entre a Escola Austríaca e a escola econômica que mais se aproxima do mesmo objetivo de promoção do livre-mercado: a Escola Neoclássica. São dezessete pontos de comparação que merecem ser reproduzidos: 1º) o conceito de economia; 2º) a perspectiva metodológica; 3º) o protagonismo dos movimentos sociais; 4º) a possibilidade de erro *a priori* do agente; 5º) a concepção da informação; 6º) ponto de referência; 7º) o conceito de concorrência; 8º) o conceito de custo; 9º) o formalismo; 10º) a relação com o mundo empírico; 11º) as possibilidades de previsão específica; 12º) a responsabilidade pela previsão; 13º) o estado atual do paradigma; 14º) a quantidade de capital humano investido; 15º) a qualidade de capital humano investido; 16º) as contribuições mais recentes; e 17º) os autores (p. 15-17). Poderíamos criticar o fato de que vários dos tópicos apresentados, que pretendem apresentar um painel da realidade propriamente dita, não são explorados em

sequência ou ao longo da obra. Alguns deles parecem expor muito mais um ponto de vista pessoal ou, até mesmo, assemelhar-se a material de propaganda austríaca. Um desses casos ocorre quando, por exemplo, o autor declara que a quantidade de autores austríacos é minoritária, mas crescente, e a de autores neoclássicos é majoritária, mas dispersa.

A qualidade da obra se mantém no segundo capítulo. Aí, o professor faz um grande resumo sobre a função empresarial dentro de uma sociedade livre, tendo como foco a questão do conhecimento. Agentes econômicos estão sempre à procura de bens e serviços e, ao mesmo tempo, procurando suprir essa mesma necessidade de outros, de modo a obter um enriquecimento social maior. No entanto, como as necessidades estão em constante mudança no tempo, a coordenação dessas informações se torna uma tarefa árdua, cujo ônus é suportado pelo agente econômico no exercício da função empresarial. Uma análise mais detida sobre a questão do conhecimento gerará uma interessante classificação que, na prática, não parece muito relevante. A explicação de dois parágrafos sobre o “efeito aprendizagem” do conhecimento (p. 40-41) se mostra economicamente muito mais útil que as quatro páginas destinadas à criação do citado ordenamento do conhecimento em tipos categóricos (p. 35-38). No fim do capítulo, o autor nos brinda com uma fantástica conceituação de sociedade à luz da Escola Austríaca de Economia.

A partir do terceiro capítulo, a obra parece ficar um tanto confusa quanto à proposta. De fato, a impressão que temos é de que o livro que pretendia oferecer uma visão panorâmica e simples da Escola Austríaca esgota-se e, fica a impressão de que os cinco capítulos seguintes fariam mais sentido caso fossem publicados como artigos esparsos. Parece não existir uma continuidade lógica e natural a partir deste momento. O autor escolhe abordar a questão histórica do nascimento da Escola Austríaca no pensamento de Carl Menger (1840-1921), ao falar da teoria subjetiva do valor e da lei de utilidade marginal (p.

59-63), e da tradição escolástica católica como precursora do pensamento analisado (p. 50-58), sempre sem deixar de oferecer algumas ideias e críticas relevantes, algumas realmente geniais, porém, de maneira assistemática.

A falta de coerência na abordagem do pensamento dos expoentes da Escola Austríaca faz com que o autor fuja da questão histórica, no quarto capítulo, e volte seu o foco para a teoria econômica propriamente dita, dedicando essa parte do livro à teoria do capital, com ênfase no pensamento de Eugen von Böhm-Bawerk (1851-1914). Para caracterizar, com efeito, as idas e vindas do objeto em discussão, o capítulo é finalizado com um interessante, mas, talvez, inoportuno, retorno ao panorama histórico, com comentários sobre a prevalência do modelo neoclássico sobre a escola austríaca, notadamente no começo do século XX (p. 86-87).

Os quinto e sexto capítulos são dedicados, respectivamente, aos dois dos maiores economistas austríacos de todos os tempos: Ludwig von Mises (1881-1973) e Friedrich August von Hayek (1899-1992). Nestes, Huerta de Soto rascunha uma visão geral da obra de cada um dos pensadores, ressaltando o que ele mesmo entende ser o aspecto mais relevante de cada uma das biografias. No caso de Mises, a ênfase recai na concepção dinâmica de mercado; no caso de Hayek, na ordem espontânea do mercado. São dois capítulos que, de certa forma, decepcionam em termos de conteúdo, dado o currículo acadêmico do autor. Tomemos como exemplo, comparativamente, um de nossos livros nacionais que apresentam os grandes expoentes da Escola Austríaca, a obra *Economia do Indivíduo: o Legado da Escola Austríaca* (Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009), do economista Rodrigo Constantino. Tal autor, muito embora escreva em grandes veículos de comunicação e tenha estudado em boas escolas, não seguiu uma carreira acadêmica formal; no entanto, seu livro possui capítulos mais objetivos, completos e aprofundados a respeito dos dois pensadores que o do doutor espanhol.

O sétimo e último capítulo discorre sobre o renascimento da Escola Austríaca, com rápidos comentários sobre autores relevantes como Murray N. Rothbard (1926-1995) e Israel M. Kirzner (p. 137-140). A aleatoriedade com que foram escolhidos os autores destacados ao longo do texto, mais uma vez, se torna evidente. Não olvidando a magnitude dos professores Mises e Hayek, não há justificativa plausível para reduzir a importância de Kirzner, de Rothbard e de outros autores da Escola Austríaca. Mereceria maior destaque o papel de Kirzner na questão do empreendedorismo, assim como o de Rothbard na justificativa ética da Escola Austríaca. Kirzner chega a ser citado com alguma relevância no segundo capítulo, dedicado ao empreendedorismo, mas sem o destaque dado a Mises e Hayek. A opção por elaborar capítulos des-

conexos parece ruim, e ainda prejudica um eventual aprofundamento dos estudos acerca dos temas e das distinções apresentadas no primeiro capítulo, que poderiam ter recebido maior atenção no decorrer da obra.

Apesar dos problemas apontados, a obra do professor espanhol é uma excelente introdução à Escola Austríaca, especialmente o primeiro capítulo. Esse trabalho de Huerta De Soto merece ser utilizado em graduações e cursos de extensão em Economia e Ciência Política ou, até mesmo, em cursos de formação política sobre liberalismo, não obstante a confusão organizacional e os eventuais desvios do tema principal, algo que não acontece no livro *Ação, Tempo e Conhecimento: A Escola Austríaca de Economia* (Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2011) de Ubiratan Jorge Iorio. ∞

Bernardo Santoro

Bacharel em Direito e Mestrando em Filosofia do Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Diretor do Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ)

Bernardo@institutoliberal.org.br